

André Cruz

André Cruz

União das Nações Indígenas – UNI / Tefé - AM

Mesa: Problemas de qualificação de pessoal para novas formas de ação indígena.

Eu quero dar o meu bom dia aos presentes e às autoridades da mesa, aos parentes indígenas. Eu sou André Cruz, do povo Cambeba, do Amazonas, e sou o coordenador da União das Nações Indígenas de Tefé. Eu gostaria de dizer a vocês que só os próprios índios conhecem os índios. Na minha região, por exemplo, são 9 povos diferentes e até eu mesmo, que nasci e me criei lá, ainda não conheço todos os povos dali. Os costumes são diferentes, os tipos de morada são diferentes, e acho que os antropólogos deveriam estudar melhor isto, porque já tivemos vários por lá fazendo levantamentos e houveram muitos pontos negativos.

Algumas vezes tivemos que voltar até 3 vezes para fazer novas vistorias nas áreas e nos povos. O movimento indígena foi criado também para ajudar a conhecer isto. Muitas vezes os antropólogos e as agências financiadoras promovem cursos e eventos nos gabinetes. Nós precisamos ouvi-los, estar presentes. Quando não havia organizações indígenas, nós ficávamos de fora, mas hoje temos organizações, desde 89 a UNI-Tefé funciona e esta é a primeira vez que fomos convidados para ouvir o momento da conversa sobre os índios. É preciso que isto continue, que não se fale só em nome do índio, mas também para o índio, porque nós precisamos conhecer as manobras das autoridades, saber das coisas como estão sendo contadas aqui hoje, por antropólogos, assessores jurídicos e advogados; precisamos saber porque nós, indígenas, ficamos esquecidos no momento de conhecer as manobras. Queremos também que a FUNAI mande pessoas competentes para trabalhar no meio dos índios, lá onde existem os problemas, porque muitas vezes somos nós, como coordenação da organização, que fazemos vários trabalhos que o governo poderia fazer, que a FUNAI poderia fazer, e que não fazem porque não têm conhecimento do que se passa.

Em Jutai tem um chefe de posto que apenas fica lá, quando as pessoas vão denunciar as coisas ele não sabe orientar para onde devem ir, não sabe dizer se é para a delegacia, para o fórum de justiça, etc. Já falei diretamente para o chefe da região, que é o Rangel, lá em Manaus, que a FUNAI tem o pecado de não formar chefes de posto para trabalhar lá. Além disto, muitas vezes ela fica do lado branco, não sabe a hora de ficar do lado do índio. Vou dar um exemplo disto. Os índios Cocama, da Barreira da Missão, do município de Tefé, mataram um boi na estrada, que estava há 10 quilômetros fora do campo e da área indígena. Um tal de Paulão foi até lá e disse assim: “Ah, o boi é meu.” A FUNAI concordou com ele, verbalmente, e estipulou um pagamento de 730 reais para a comunidade pagar a ele, que se disse o dono do boi. Quando o caso ocorreu, eu estava de viagem, e cheguei 3 dias depois que o acordo tinha sido feito. Veja bem, a FUNAI tinha feito o acordo verbalmente e dado 15 dias para os índios pagarem a quantia. Quando eu cheguei na área, o Tuxaua disse: “Parente, o que está acontecendo é que nós matamos um boi, o Paulão está dizendo que é o dono, e a FUNAI já estipulou que nós teremos que pagar 730 reais.” Eu me ofereci então para ir até a FUNAI falar com o Manuel Paixão e saber o que é que ele estava fazendo, se veio para trabalhar com os fazendeiros ou se veio para defender os índios. Perguntei sobre a ata da reunião da audiência e ele disse: “Olha, nós não fizemos ata não, só fizemos o acordo.” Então eu disse que nós, indígenas, não íamos aceitar esta audiência e nem a matemática deles, que só íamos aceitar a matemática e a audiência da Justiça, porque este

boi estava fora do campo e fora da área indígena, estava no mato. Fizemos então um abaixo-assinado na comunidade e eu entrei em contato com o tal do dono, o Paulão, e perguntei como era o boi. Ele disse que o boi era vermelho, tinha uma marca na orelha em forma de “V” e uma coleira branca na testa. Então eu disse que o boi não era dele, pois o que foi morto era preto, não tinha marca nenhuma, e além disso não era capado, como o dele, o boi era inteiro e tinha mais ou menos 150 quilos. Apesar de tudo isto, ele fez uma intimação aos índios pelo rádio. Nós ouvimos o rádio e aí eu fui na comunidade e disse: “Vamos atender, todos vocês que comeram o boi, vamos lá.” Fomos e aí o governo também compareceu: depois de 20 minutos a audiência foi cancelada e não se falou mais nisso. Vencemos esta batalha sozinhos, só entre os índios, sem a FUNAI. É por isto que eu digo que as pessoas que trabalham na FUNAI precisam de formação. Da mesma forma, na parte da antropologia, na mesma região, no médio Solimões, já por 3 vezes passaram antropólogos fazendo levantamentos e nada deu certo, continuamos precisando dos relatórios deles para fazer a demarcação. Na região que eu trabalho são 4 rios, o Solimões, o Juruá, o Jutai e o Japurá. Existem vários pontos que eu preciso colocar para vocês, mas em primeiro lugar, como sempre, vem a saúde, é ela a nossa prioridade. Temos índios treinados até o 8º curso de agente de saúde, temos índios que estão começando hoje, e temos índios que ainda vão começar. A Fundação Nacional de Saúde está acompanhando a formação deles desde 1992. A FUNAI, contudo, nunca pensou nisso, nunca pensou em educar os índios, nunca pensou em formar agentes de saúde. Agora, por exemplo, chegou um contrato para agente de saúde rural em 3 municípios da região e eles estão correndo atrás dos índios que tenham curso, pois os ribeirinhos não têm. Precisamos que a FUNAI olhe para esta parte da saúde, porque até hoje não chegou em minhas mãos nenhum Diário Oficial dizendo que a Fundação Nacional de Saúde está com tudo nas mãos. Antes de eu sair de lá, na sexta-feira de manhã, falei com o chefe de posto e ele disse assim: “Vocês estão contra a saúde ser passada para a FNS.” Eu respondi: “Eu não estou contra não, eu sou a favor que os dois trabalhem e que façam aquilo que nós pedimos, porque enquanto vocês brigam, a doença está entrando nas aldeias e os índios estão morrendo, então eu não vou permitir que esta briga entre dentro da área e nem na organização indígena.” Eu disse: “Estou indo nesta viagem e vou colocar isto, porque precisamos que vocês trabalhem. Estamos em julho e, até setembro, é o foco da malária nos quatro rios em que a gente trabalha, há muita coisa para fazer.” Portanto, dentro da nossa situação, precisamos que a FUNAI ou se regularize ou dê outro jeito de trabalhar, porque não podemos aceitar mais que a UNI-Tefé faça vários trabalhos $\frac{3}{4}$ como transportar doentes, dar alimentação, comprar remédios $\frac{3}{4}$ em lugar da FUNAI. Eu liguei para o Rangel para saber o que houve com a FUNAI, aonde ela está na parte da saúde, e ele disse: “É bom você falar com o presidente da FUNAI.” Eu disse que isso não era problema para mim, era só pegar o telefone, porque já não agüentamos mais fazer o trabalho do governo, isto não é o nosso papel. Nosso papel é fazer com que as entidades responsáveis façam o trabalho, cumpram o seu papel. Então eu liguei, mas infelizmente só consegui falar com o substituto. Era terça-feira e quem estava na assistência era a UNI-Tefé. Quando chegou sexta-feira, já tinha algum frango, café e pão por lá. Eu fui olhar e já tinha alguma coisa. Há cinco anos, sabíamos que existia dinheiro para a FUNAI trabalhar e ela não trabalhava. Hoje estão dizendo que não tem dinheiro e sabemos que é verdade, que não chegou dinheiro mesmo; vejo os comerciantes cobrarem da FUNAI diretamente, dizerem que ela não tem crédito para comprar nem uma agulha; nos barcos já não dão passagem aos pacientes; etc. É este então o apelo que eu deixo para os senhores que estão presentes: vamos dar um jeito na

FUNAI, mudar ou então vamos passar para a mão de outra entidade porque não estamos mais garantindo fazer o trabalho que o governo deveria estar fazendo. Meu muito obrigado.